

# Mito e Educação no Cotidiano Escolar

Marcia Reami Pechula

Maria Augusta Hermengarda Wurthmann Ribeiro

## Resumo

*Quando falamos em mito, pensamos na origem das coisas; quando falamos em cotidiano, pensamos na atualidade de que se revestem essas coisas. No entanto, para entendermos, algumas vezes, expressões utilizadas pelo povo é preciso conhecer as narrativas que nos contam a origem do mundo onde habitamos. Assim, modernamente, podemos dizer que o mito sobrevive em calendários, na liturgia, em cerimônias oficiais, preso aos rituais que comandam tais ocorrências, nas sociedades avançadas em que o homem, curvado sob o peso do tecnicismo e da barbárie mecanicista, é subjugado pelo progresso feroz que o encurrala e o faz desempenhar o papel de aprendiz de feiticeiro. Assim, se ao mito, estão entrelaçadas as nossas falas atuais, deverá ele estar presente, também, na escola e nos conteúdos trabalhados por ela para que alunos e professores possam compreender e atualizar as relações estabelecidas, ao longo do tempo, entre os fatos históricos e as narrativas que os relatam. Com esse objetivo foi desenvolvido junto à Secretaria de Educação de Rio Claro, na escola “Sérgio Hernani Fittipaldi”, o Projeto “Narrar histórias, intercambiar experiências”, financiado pelo Núcleo de Ensino da UNESP. Foram onze encontros, nos quais foram apresentados aos professores do Ensino Fundamental a arte de contar histórias, forma de conhecimento de quem somos e de como nos relacionamos com nossos semelhantes e com o mundo à nossa volta. Ao enfocarmos o gênero ficção, demos destaque, na literatura infantil aos mitos e suas transposições para a narrativa literária. Dessa forma, a primeira parte deste artigo é constituída pelo enfoque ao campo conceitual sobre o mito. A segunda parte ilustra as criações literárias que retomam os mitos, como a obra infantil de Monteiro Lobato.*

**Palavras-chave:** Mito; literatura infantil; cotidiano escolar

## Myth and Education in School Daily Life

### Abstract

*When we speak in myth, we think about the origin of the things; when we speak in daily life, we think about the present of which these things are covered. However, in order to understand, sometimes, expressions used by the people it is necessary to know the narratives that tell us the origin of the world where we live. So, in a modern way, we can say that the myth survives in calendars, in the liturgy, in official ceremonies, tied to the rituals that command such incidents, in the advanced societies in which the man bent under the tecnicism weight and of the mecanicist barbarity, is subjugated by the cruel progress that hems it in and makes it fulfill the paper of wizard's apprentice. So, if our*

*current words are intertwined to the myth, this will also have to be present in the school and in the contents worked by it for what pupils and teachers could understand and update the established relations, along the time, between the historical facts and the narratives that report them. With this objective the Project "To narrate histories, to interchange experiences", financed by UNESP Nucleus of Teaching, was developed in partnership with the Rio Claro General office of Education, in the school "Sérgio Hernani Fittipaldi". There were eleven meetings, in which the art of counting histories, way of knowledge who we are and how we are connected with our similars and with the world around us, was presented to the teachers of Basic Education. While tackling the type fiction, we gave distinction, in the childlike literature, to the myths and its transpositions for the literary narrative. In this form, the first part of this article is constituted by the approach to the conceptual field about the myth. The second part illustrates the literary creations that retake the myths, like the childlike work of Monteiro Lobato.*

**Key words:** Myth; childlike literature; school daily life

## Introdução

Parece-nos, à primeira vista, que mito e cotidiano são palavras que expressam noções de tempo muito diferentes.

Quando falamos em mito, pensamos na origem das coisas; quando falamos em cotidiano, pensamos na atualidade de que se revestem essas coisas. No entanto, para entendermos, algumas vezes, expressões utilizadas pelo povo é preciso conhecer as narrativas que nos contam a origem do mundo onde habitamos.

Assim, modernamente, podemos dizer que o mito sobrevive em calendários, na liturgia, em cerimônias oficiais, preso aos rituais que comandam tais ocorrências, nas sociedades avançadas em que o homem, curvado sob o peso do tecnicismo e da barbárie mecanicista, é subjugado pelo progresso feroz que o encurrala e o faz desempenhar o papel de aprendiz de feiticeiro.

Sobrevive, ainda, na linguagem coloquial, em expressões como "presente de grego" que atualiza, no século XXI, a estratégia usada pelo povo grego para vencer a guerra e conquistar Tróia.

Se ao mito, pois, estão entrelaçadas as nossas falas atuais, deverá ele estar presente, também, na escola e nos conteúdos trabalhados por ela para que alunos e professores possam compreender e atualizar as relações estabelecidas, ao longo do tempo, entre os fatos históricos e as narrativas que os relatam.

Com esse objetivo foi desenvolvido junto à Secretaria de Educação de Rio Claro, na escola "Sérgio Hernani Fittipaldi", o Projeto "Narrar histórias, intercambiar experiências", financiado pelo Núcleo de Ensino da UNESP. Em onze encontros, apresentamos aos professores do Ensino Fundamental a arte de

contar histórias, forma de conhecimento de quem somos e de como nos relacionamos com nossos semelhantes e com o mundo à nossa volta. Ao enfocarmos o gênero ficção, demos destaque, na literatura infantil aos mitos e suas transposições para a narrativa literária.

A mesa redonda, Mito e Educação no Cotidiano Escolar, formada por duas palestras apresentadas no I Seminário sobre Cotidiano Escolar, é uma outra preocupação em entrelaçar o tema à escola.. A primeira parte deste artigo é constituída pelas colocações principais da palestra que enfocou o campo conceitual sobre o mito. A segunda parte ilustra as criações literárias que retomam os mitos, como a obra infantil de Monteiro Lobato, tema da outra palestra.

### **1. Considerações em torno do conceito e compreensão do Mito**

A compreensão essencial da vida humana desde o advento da filosofia no ocidente grego é sustentada por uma explicação racional, isto é, uma explicação pautada pelo uso da razão (logos). No entanto, o conhecimento racional compreendido como fundamento, ou guia do homem nos campos da investigação e indagação acerca de todas as coisas, não é a primeira e nem tão pouco a única forma de conhecimento possível. Anteriormente ao uso da razão, o homem cantou, dançou, ritualizou e narrou sua compreensão de mundo constituída por outras “lógicas”. As formas de conhecimento ditas não racionais compreendem as explicações míticas e religiosas, formas primeiras de explicação do mundo, vivas na experiência e na memória da humanidade desde tempos imemoriáveis até os dias de hoje.

Numa acepção muito geral o mito pode ser compreendido como “narrativa”; entretanto há um vasto campo de definição de mito e pode-se dizer que da terminologia mito à mitologia há um longo e diversificado percurso teórico, histórico e cultural. Nesse sentido pode-se falar do mito sob várias perspectivas: filosófica, antropológica, psicológica, semiótica, literária, sociológica. Dentre essas perspectivas podemos encontrar pontos de convergências e divergências, que indicam que nem sempre as perspectivas devam ser ou estar limitadas por uma única ótica. Dado que o objetivo do presente texto não é o de discutir as várias perspectivas do mito e sim o de situá-lo no cotidiano escolar, faremos nesse item apenas algumas considerações de âmbito teórico-conceitual com o intuito de fornecer indicações sobre o lugar que os mitos ocupam, atualmente, no espaço escolar.

Nesse sentido, partiremos da concepção mais abrangente que define o

mito enquanto “narrativa”, que transmitida por meio da oralidade e da tradição, constitui uma “visão de mundo” que consolida um modelo de cultura, de natureza, de sociedade, etc.

A concepção de mito aqui empregada nada tem a ver com a visão do senso comum que apresenta o mito apenas como algo “fantástico”, inédito, ou mesmo irreal. O mito, no dizer de Mircea Eliade (1994, p. 11-16), conta uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve lugar no começo do tempo *ab initio*. O mito é, pois, a história do que se passou *in illo tempore*, uma narrativa daquilo que os deuses, os seres divinos fizeram no começo dos tempos, em que os deuses e os homens viviam juntos, sem qualquer separação; nesse sentido, o mito revela uma visão sagrada de mundo, é divino, representa a origem dos ritos. Na afirmação de Junito Brandão (1986, p. 9), a representação do mito nos tempos primordiais é equivalente aos ensinamentos que, hoje, os pais transmitem aos seus filhos, por meio de suas próprias experiências de vida. Assim, os mitos “delineiam padrões para a caminhada existencial através da dimensão imaginária. Com o recurso da imagem e da fantasia, os mitos abrem para a consciência o acesso direto ao Inconsciente Coletivo”.

Na mitologia grega os deuses do panteão grego têm suas funções próprias, “seus campos reservados, seus modos de ação particulares, seus tipos específicos de poder” (ELIADE, 1972. p. 11). Não representam a onipotência, a onisciência, a infinitude, o absoluto, ao contrário, “estão no mundo e fazem parte dele. (...) Os deuses nasceram do mundo”. Nesta perspectiva, a religiosidade grega não opõe ao sagrado o profano. A natureza e o sobrenatural permanecem intrinsecamente ligados. Os deuses não são a natureza, mas esta pertence aos deuses. Nas palavras de Junito Brandão (1986, p. 334): “terminada a refrega, os três grandes deuses receberam por sorteio seus respectivos domínios: Zeus obteve o Céu; Posídon, o Mar; Hades Plutão, o mundo subterrâneo ou Hades, ficando, porém, Zeus com a supremacia do Universo”.

Se natureza e sobrenatural são intrinsecamente ligados, não se pode, pois, fazer qualquer oposição entre os espaços mítico, religioso, social e político. Assim, o mito, por meio de suas narrativas, apresenta uma visão tanto o social, quanto a política; e estão impregnados pelo caráter divino. “Toda magistratura tem um caráter sagrado, mas todo sacerdócio depende da autoridade pública” (VERNANT, 1979, p. 15). Não há cidade sem deuses, assim, “é a assembléia do povo que tem o poder sobre a economia dos *hiera*, das coisas sagradas, dos assuntos dos deuses, como sobre as dos homens”.

Em função dessa relação entre a cidade e os deuses, a mitologia grega se expressa pela religiosidade, de caráter politeísta, que “mergulha suas raízes numa tradição que engloba ao lado dela, intimamente mesclados a ela, todos os outros elementos constitutivos da civilização helênica” (VERNANT, 1979, p. 21). A religiosidade grega, sem casta sacerdotal, sem caráter dogmático, sem clero especializado, sem igreja, exprime suas convicções, sua fé “num vasto repertório de narrativas, conhecidas desde a infância e cujas versões são bastante diversas, as variantes suficientemente numerosas para deixar a cada uma extensa margem de interpretação” (idem, p. 22). A transmissão dessas narrativas – os mitos – de caráter eminentemente oral, feita de geração a geração, ganha a voz dos poetas, que apresentam os deuses numa linguagem acessível. Assim, quando surge o código escrito, este registra as tradições antigas e as poesias cantadas. O mito torna-se mitologia, isto é, é modificado, pois passe de uma condição mantida pela oralidade, para outra, presa pela escritura.

Há, obviamente, uma grande controvérsia acerca da credibilidade intelectual das narrativas poéticas, entretanto, mesmo com o advento das investigações intelectuais, das composições dos repertórios mitológicos, das interpretações racionais dos mitos, estes abrem a única via de acesso ao divino, representam o arcabouço da fundação da cultura ocidental (Cf. VERNANT, 1979, p. 25-26).

Assim, os mitos gregos expressam a primeira forma de explicação do mundo ocidental. Possuem caráter religioso, pois são o conteúdo próprio dos ritos (gestos), isto é, todo rito representa a rememoração de um mito de criação. Por isso, os mitos têm identidade divina, são constituídos de deuses. Representam a explicação primeira do mundo, dos homens, do universo. Revelam o surgimento de todas as coisas, inclusive da natureza.

### **1.1 Origem e função dos mitos na mitologia grega**

A narrativa mítica tem por função mostrar como uma realidade existe na sua fundação. Os mitos, ritualizados, resgatam a existência dessa realidade. Portanto, no processo mito-rito-realidade, se (re)conhece uma experiência inicial de mundo.

De acordo com a versão ocidental grega, no início de tudo só existia o Abismo (*kháos*), “um vazio escuro onde não se distingue nada”. Do Caos, elemento neutro (nem masculino, nem feminino), nasce *Gaia* (Terra), que “possui uma forma distinta, separada, precisa”. Assim, Gaia, que se opõe ao Caos, é a mãe universal (elemento feminino). *Éros* (amor primordial, assexuado), aparece

em terceiro lugar. Depois, Gaia, sem unir-se a ninguém, gera *Ouranós* (Céu) e *Pontós* (Água, as Ondas do Mar), que são seus contrários: Céu coloca-se acima da Terra e Água “que é liquidez e fluidez disforme”, limita a terra em suas formas (Cf. VERNANT, 2000, p. 17-27).

Esta narrativa apresenta, ao mesmo tempo, a origem da natureza (Kháos, Gaia e Éros) e das divindades, pois estes elementos, além de darem origem à natureza, dão também origem à concepção mítico-sagrada do mundo. A partir destes três elementos, dá-se o início da história mitológica do cosmos na cultura ocidental, que reúne dramas, violência e lutas intempestivas pelo poder.

A primeira união entre os elementos feminino e masculino ocorre no momento em que Urano, que tem o mesmo tamanho de Gaia, deita-se sobre ela, que gera seis Titãs e seis Titânidas. Como Urano permanece deitado sobre Gaia, os titãs e as titânidas permanecem presos no ventre da mãe. Gaia, furiosa por estar aprisionada, propõe aos filhos derrotarem o pai. Só Crono, o mais jovem de todos, aceita o desafio. Corta os órgãos sexuais do pai e os lança ao Mar. Urano, gemendo de dor, afasta-se de Gaia, indo para cima, permanecendo para sempre bem longe de Gaia – separação entre Céu e Terra. Assim, surge a luz e Gaia põe para fora todos os filhos.

Caos, por sua vez, sem unir-se a ninguém, gera dois filhos: *Érebo*, negro absoluto e *Nýx*, Noite, que também, sem unir-se com outro elemento, gera *Aithér*, Éter – Luz Etérea – e *Hemére*, Luz do Dia. Entretanto, destas gerações, uniões e separações, surgem os conflitos entre os deuses, pois Urano, inconformado com a traição do filho Crono, lança lá do Céu “uma terrível imprecação contra seus filhos”. Envia-lhes as *Eríneas*, “divindades da vingança pelos crimes cometidos contra os consangüíneos” (VERNANT, 2000, p. 25).

Ocorre que os órgãos sexuais de Urano foram lançados ao Mar, que é fecundado, e desta fecundação nasce *Afrodite*, deusa nascida do mar e da espuma. Dos rastros deixados por Afrodite surgem *Éros*, não mais como amor primordial, mas como o amor que une os elementos feminino e masculino e *Hímero*, o desejo. Doravante, a união deverá ocorrer entre o feminino e o masculino e será permeada de amor e desejo. Ao mesmo tempo, há *Éris*, lançada por Urano, que é a disputa.

Nessa acepção, a partir deste momento, está aberta a disputa entre os deuses, uma luta interminável para definir quem será o soberano. A mitologia grega desfecha toda a história da origem dos homens, da organização do cosmos, da existência da soberania e da compreensão dos seres individualizados.

Por meio das narrativas míticas, podemos conhecer a explicação primeira de todas as respostas que os homens deram à busca de compreensão do universo. A mitologia vista sob esta ótica, representa a primeira forma de compreensão do mundo.

É nesta perspectiva que o mito pode ser considerado como algo verdadeiro (concebendo aqui o sentido do termo como uma explicação que “conforta” a preocupação humana), isto é, há uma compreensão que satisfaz a ansiedade humana quanto à sua origem. Por isso, o mito é profundamente importante. Não é mentira, ficção ou fantasia, pois remete a uma explicação, cuja narrativa, expõe uma compreensão de mundo. Sendo a primeira forma de explicação do mundo, sua palavra é oposta àquela que o homem profano ouve, apresenta caminho que este homem não quer seguir. No entanto, o mito sobreviveu e sobrevive, mesmo quando é “desconstruído”, recriado, isso porque ele tem vida própria. Sendo uma narrativa – relato de um acontecimento – seu registro é atemporal.

Os mitos, efetivamente narram não apenas a origem do Mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje – um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver, e trabalhando de acordo com determinadas regras (ELIADE, 1994, p. 16).

Assim, as narrativas míticas deflagram a realidade, são consideradas pelas sociedades que as conceberam como acontecimentos verdadeiros (não como fatos ocorridos), que demarcam, delimitam imagetivamente o início, a origem de tudo que veio a existir.

Nas palavras de Jean-Pierre Vernant (2000, p. 12), o estatuto do mito faz com ele se apresente “como um relato vindo do fim dos tempos e que já existiria antes que um contador qualquer iniciasse sua narração. Nesse sentido, o relato mítico não resulta da invenção individual nem da fantasia criadora, mas da transmissão e da memória”. Ou seja, o relato mítico é fruto de uma compreensão existente na memória antes mesmo de ter sido relatada. Por isso, a sobrevivência do mito, na acepção de Vernant (2000), deve-se a três condições de existência: “memória, oralidade e tradição”. Tais condições trazem o problema da identificação histórica do mito. Entretanto, sua função e existência não necessitam desse tipo de comprovação. A narrativa mítica seria, então, a base da formação simbólica do homem em sua formação cultural. Por isso, o mito é um símbolo,

uma criação coletiva. A mitificação identifica o significado de algo que passou a ser. O mito possui, então, um significado, é a representação de algo que passou a existir. Desse modo, a prática significativa, nomeadora da realidade que demonstra a verdade do mito é sempre um gesto ritualizado que caracteriza a necessidade de repetir *ad infinitum* o gesto, ou os gestos originais. É nesse sentido que a revelação mítica é uma revelação sagrada.

Em concordância com Mircea Eliade (1994: 22), defendemos aqui a tese de que a função primeira do mito é a de estabelecer a origem de todas as coisas. Sua importância, portanto, é fundamental para se compreender todas as origens. Dentro de sua concepção arcaica, o mito estrutura-se por constituir a história de entes sobrenaturais, por tratar-se de uma “verdade sagrada”, referir-se a uma “realidade, a um momento de criação”. Por isso, conhecer o mito é conhecer a “origem das coisas”.

## **1.2. Da existência do mito à invenção da mitologia**

Retomando a questão no campo filosófico, Detienne (1998, p. 9) esclarece, com muita precisão, que não há povo que não possua um consenso geral acerca da origem de qualquer lugar, país ou cultura, “cuja história não tenha começado com fábulas ou mitologia”. Mesmo que o conteúdo de um mito não seja verdadeiro, sua representação expressa sempre a visão moral, social, espiritual ou mesmo um logos (concebido, aqui, como forma de compreensão) da realidade. Assim, mesmo que se contraponha o mito à história, identificando-o como uma “não-história” (DOWDEN, 1994, p. 18), ele não perde sua identidade como relato da fundação de algo que passou a existir.

O mito é um gênero, cuja decifração absoluta e universal é inacessível, e até hoje seu objeto não pôde ser definido, mesmo nas consciências postas pelas teorias de E. Cassirer e Lévi-Strauss (Cf. DETIENNE, 1998, p. 12). O surgimento da consciência filosófica substitui a explicação mítica de mundo. Com o advento dessa forma de conhecimento, o mito é superado, torna-se lenda, fábula; e, depois, torna-se objeto de estudo científico, transformado em mitologia, vista como estudo, pesquisa, fonte de decifração, interpretação. Assim, surge a ciência da mitologia. Ciência que, sob o cunho do conhecimento interpretativo, irá fornecer à mitologia explicações que a identificarão como linguagem reveladora (Cassirer), ou como a origem do social, do coletivo (Durkheim), ou ainda como a representação mítica e sentimental (L. Bruhl), ou a representação arcaica do inconsciente (L. Strauss) (Cf. DETIENNE, 1998, p. 188-202).



Nesta perspectiva, a mitologia torna-se uma explicação de cunho científico, no sentido de conhecimento racional. Mas, por outro lado, oferece um arsenal imenso e heterogêneo de explicações que nos auxiliam na compreensão do desenvolvimento e dos “caminhos” da cultura de um povo, de uma sociedade.

## 2. A transposição literária dos mitos

Um desses caminhos, por certo, é o da literatura. E escolhemos a infantil por ser muito interessante a percepção de como Monteiro Lobato, o iniciador dessa literatura entre nós, entretém os mitos na história do sítio do Pica-pau Amarelo.

Em uma das falas de Dona Benta, a culta avó que “educa” as crianças, o escritor toca em uma questão polêmica – a apropriação literária da narrativa oral:

- Os mitos não foram inventados pelos poetas e sim pelo povo; os poetas apenas lhe deram forma literária.

Lobato também alerta para a existência de duas Grécias: uma, a morada dos deuses, berço da mitologia e de uma certa maneira berço da humanidade; a outra a morada de homens comuns, mortais, cuja história nada tem dos encantamentos e poderes dos deuses.

A visão lobatiana da morada desses seres mitológicos, deuses, semideuses, e heróis revela seus conhecimentos históricos, geográficos e culturais:

[...] Grécia? Há duas - a Grécia de hoje, um país muito sem graça, e a Grécia antiga, também chamada Hélade que é a Grécia povoada de deuses e semideuses, de ninfas e heróis, de faunos e sátiros, de centauros e mais monstros tremendos, como a Esfinge, a Quimera, a Hidra, o Minotauro. Oh, sim, lá é que era a grande Grécia imortal. A de hoje só tem uvas e figos secos - e soldados de saio.

Consciente do papel que o mito tem no entendimento da vida humana, da estrutura do universo, Lobato o coloca no sítio do Pica-pau Amarelo em forma de heróis, para que convivam com seus personagens e, por meio de sua obra, com diferentes leitores, pois “Hoje em dia, como outrora, todos parecem saber que não há povo cuja história não tenha começado com fábulas ou com a mitologia.” (DETIENNE, 1998, p.9).

Ao incorporar as narrativas mitológicas em seus escritos, Monteiro Lobato as reconta numa linguagem mais simples, para que a população brasileira à época tivesse acesso ao conhecimento das origens da literatura universal, expli-

cação das razões da humanidade. Essa idéia era, em princípio, progressista, uma vez que o conhecimento da literatura universal constituía privilégio de poucos. Na obra **Reinações de Narizinho** a primeira referência aos mitos é feita apenas pela indicação dos nomes dos heróis gregos e acontece no sétimo episódio *Cara-de-coruja*, no capítulo intitulado *Outros convidados*, ou seja, da metade do livro para o seu fim, pois este é constituído por dez episódios.. O escritor convida alguns seres mitológicos para aparecerem no sítio de Dona Benta – “*vieram os heróis gregos, o valente Perseu que matou a Górgona, o heróico Teseu que matou o Minotauro e até a cabeça da Medusa, espetada na ponta de um pau, com aquela porção de cobras se mexendo em lugar de cabelos.*” (LOBATO, 1995, p.100)

Ele não modifica as narrativas, apenas as reconta em uma linguagem popular, corriqueira, acessível à maioria da população, especialmente às crianças.

No episódio subsequente *O irmão de Pinóquio*, em capítulo denominado *Miragens*, ele introduz o Cavalo de Tróia e Pégaso, comparando-os ao cavalinho que Pedrinho dera de presente a Emília.

A retomada do mito do cavalo de Tróia acontece em meio a um diálogo entre uma boneca de pano e um cavalinho-de-pau: “ Que pena não ser você grande como o cavalo de Tróia!” É sem dúvida o primeiro chamado para aguçar a curiosidade da menina sobre a história deste cavalo, e logo em seguida são enumerados outros mitos com “cavalências”: “ - Não posso hoje - disse mostrando o cavalinho. Estou ensinando o abc a este analfabeto, que anda com vontade de ler a história do Pégaso, do Bucéfalo, do cavalo de Tróia e outras “cavalências” célebres.”

É interessante a reunião dos mitos, parece-nos, com a intenção de informar sobre a variedade de histórias existentes sobre cavalos. A história do cavalo de Tróia está colocada na lenda de Laocoonte, sacerdote troiano de Netuno e Apolo, estrangulado com seus dois filhos por duas serpentes. Estratégia grega para penetrar na cidade de Tróia e destruí-la, o cavalo de Tróia foi construído com tábuas de pinheiro, artisticamente unidas em conjunto. Laocoonte atira um dardo contra o cavalo e, quando as serpentes atacam seus filhos e a ele próprio, reforçam a idéia do povo de que ele havia injuriado os deuses. O cavalo é conduzido para dentro da cidade e colocado no templo de Minerva. Dessa forma, Tróia é destruída. Pégaso, nascido do sangue da Medusa, foi oferecido ao herói grego, Belerofonte, para que combatesse a Quimera. A história de Pégaso tornou-se um dos temas preferidos da Literatura. Bucéfalo, o cavalo de guerra de Alexandre, o

Grande, morre por ferimento e pela idade. No local de sua morte, o imperador prestou-lhe uma última homenagem, fundando a cidade de Bucéfala.

Na narrativa de **Reinações de Narizinho**, no entanto, percebemos uma articulação entre a história do cavalo de Tróia e a do cavalinho com que Pedrinho presenteou Emília, em troca de “uma boa idéia”. Ela sabia que estava enganando Pedrinho tanto quanto os gregos enganaram, com o seu presente, os troianos. Emília sai tão vitoriosa quanto os gregos. A tessitura da narrativa é perfeita, ou seja, os mitos continuam a explicar, até hoje, as nossas atitudes.

No entanto, nem todas as retomadas narrativas são tão lúdicas como a dos cavalos. Há algumas compostas com rara sensibilidade, como a descrição da cena em que Narizinho e o boneco Faz-de-conta vêem Ninfas e o Fauno, Vale recordar que o boneco Faz -de - conta foi feito por Tia Nastácia para ser um irmão do Pinóchio, o boneco de madeira. É importante ressaltar que os mitos aparecem em situações em que há sempre a presença de um ser que tomou a forma humana e, geralmente, é ele que aponta para o mito:

A menina olhou para onde ele apontava e realmente viu um bando de lindas criaturas, envoltas em véus de finíssimo tule, dançando por entre as árvores do pomar. No meio delas estava um ente estranho, de orelhas bicudas como as de Mefistófoles, dois chifrinhos na testa e cauda de bode. Soprava músicas numa flauta de Pã, isto é, numa flauta feita de canudos incôes.

Cada vez que leio esta descrição fico pensando em Lobato, de pijamas, sentado a sua escrivaninha, escrevendo este texto. Um homem racional que, para dar vida à boneca de pano, consulta um médico e a faz tomar uma pílula, explicando cientificamente, porque a boneca passou a falar. De onde ele teria retirado a cena? De algum pintor, talvez? Mas este homem que vai criticar as narrativas porque estão cristalizadas e vai querer reformulá-las, este homem cria em sua história do sítio um momento mágico para falar da existência de ninfas e faunos. Seria com certeza parte do mundo das maravilhas que ele diz ser conhecido pelas crianças e pelos velhos. Para os adultos, como o escritor, não há espaço nele.

A última referência aos mitos vem pelo uso da língua, em forma de adjetivo, no décimo episódio do livro, *O pó de Pirlimpimpi*, no penúltimo capítulo, intitulado *O Pintão*:

Não foi nada fácil. O pintão defendia-se como um tigre. Só mesmo a **força hercúlea** do senhor de Munchausen, ajudado pelo cocheiro, por Pedrinho, pela menina, por Emília e até por dona Benta, poderia amarrar o bico do pinto Roca – e ainda assim tiveram de lutar muito tempo. Afinal, amordaçaram-no.

O mito é o de Hércules, cuja força o faz vencer todas as provas as quais é submetido e que dão origem à história **Os doze trabalhos de Hércules**. Lobato inclui esta história nos volumes da sua obra infantil. O trecho acima ilustra bem o mito e estabelece uma relação entre a força do herói e a de um personagem das histórias infantis. Outro fio entretecido nas malhas da narrativa.

Com o escritor Lobato temos a iniciação aos mitos, mas como professora de língua Portuguesa não podemos esquecer de trabalhar com as crianças a dimensão simbólica da linguagem para que possam entender, no século XXI, porque um comercial de televisão é construído, por exemplo, com corações transpassados por flechas, representativos da imagem do deus Cupido, cujo mito foi construído na Roma antiga. Esse entendimento das significações dos símbolos, com os quais são construídas as imagens, é muito importante porque permite à criança apropriar-se dos sentidos aí presentes, do valor atribuído ao seu emprego, enfim do pleno entendimento da mensagem.

## 2.1 Mito, cotidiano, escola

Criadas pelo povo, nascidas da observação do cotidiano da vida, as narrativas primitivas conduzem o leitor por meandros de conhecimentos sobre o comportamento humano, possibilitando-lhe melhor entender o homem de todos os tempos, uma vez que a matéria-prima delas é constituída por tudo que acontece ao redor dos narradores. Essa ligação é responsável também pela permanência milenar dessas histórias, cuja existência é tão remota quanto a da linguagem. Platão (428 a.C- 348 a.C.) já menciona em suas obras mulheres idosas que tinham por hábito contar, às crianças, histórias simbólicas, possivelmente, com cunho educativo.

Com o surgimento institucional da escola e da noção explícita de infância, originárias ambas da burguesia, as histórias passam a ser enfocadas diretamente como veículo de ensino, principalmente voltado para as crianças.

Atualmente, o **Referencial Curricular para a Educação infantil** (Brasil, 1998) valoriza a leitura de contos até para as crianças que não sabem ainda ler e vão fazê-lo por meio do professor ou de um outro adulto, com a finalidade de

que aprendam, sobretudo, a língua, ou seja, “ os modos pelos quais as pessoas:entendem e interpretam a realidade e a si mesmas (Rojo, 2000, p.17).

É importante salientar que, ao menos na teoria, o ouvir histórias não fica mais restrito ao caráter educativo que há nelas, mas amplia-se para o literário, ao propor que a escuta dos contos propicie o aprendizado da língua em sua prática da escrita e das significações com que esta escrita é elaborada.

Compreender a língua como o modo pelo qual as pessoas entendem e interpretam a realidade e a si mesmas é compreender as narrativas primordiais e a história dos homens, É compreender o outro. É iniciar o diálogo com ele. Com o passado, para entender o presente e projetar o futuro.

## Referências

BEAINI, T. *Máscaras do Tempo*. Petrópolis: Vozes, 1995.

BRANDÃO, J. *Mitologia Grega*. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 1986. 3 vols.

BRANDÃO, J. *Dicionário Mítico-Etimológico*. 3ª ed., Petrópolis: Vozes, 1991. 2 v.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMPBELL, J. *As Máscaras de Deus*. São Paulo: Palas Athena, 1992.

CAMPBELL, J. *As Transformações do Mito através do Tempo*, trad. Heloysa L. Dantas. São Paulo: Cultrix, 1997.

CASSIRER, E. *Linguagem e Mito*, trad. J. Guinsburg e Mirian Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 1972.

DETIENNE, M. *A Invenção da Mitologia*, trad. A. Telles e Gilda M. S. Gama. 2ª ed., Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/ UNB, 1998.

DOWDEN, K. *Os Usos da Mitologia Grega*, trad. Cid K. Moreira. Campinas: Papirus, 1994.

ELIADE, M. *O Sagrado e o Profano*. A essência das religiões, trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, M. *Mito e Realidade*, trad. Pola Civelli. 4ª ed., São Paulo: Perspectiva, 1994.

JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*, trad. Maria L. Pinho. Rio de Janeiro: Nova.

JUNG, C. G. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, trad. Maria L. Appy e Dora M. R. F. Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.

LOBATO, M. *Reinações de Narizinho*. 52ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1995.

OTTO, R. *O Sagrado*, trad. Prócoro Velasques Filho. São Paulo: Imprensa Metodista, 1985.

ROJO, R.(org.). *A prática de linguagem em sala de aula: Praticando os PCNs*. São Paulo: EDUC; Campinas, SP: Mercado das Letras, 2000. 2ª reimpressão 2002.

SISSA, G. & DETIENNE, M. *Os Deuses Gregos*, trad. Rosa M. Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

VERNANT, J.P. *As Origens do Pensamento Grego*, trad. Ísis B.B da Fonseca. 4ª ed., São Paulo: DIFEL, 1984.

VERNANT, J.P. *O Universo, os Deuses e os Homens*, trad. Rosa F. d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VERNANT, J.P. *Mito e Pensamento entre os Gregos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VERNANT, J.P. *Mito e Religião na Grécia Antiga*, trad. Constança M. César. Campinas: Papyrus, 1992.

VERNANT, J.P. & NAQUET, P.V. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

---

Marcia Reami Pechula  
Docente da UNESP - Universidade Estadual Paulista -  
Instituto de Biociências - Depto. de Educação - Rio Claro  
Av. 24-A, 1515 - Bela Vista  
CEP: 13506-900 - Rio Claro - SP  
E-mail: mreami@rc.unesp.br

Maria Augusta Hermengarda Wurthmann Ribeiro  
Docente da UNESP - Universidade Estadual Paulista -  
Instituto de Biociências - Depto. de Educação - Rio Claro  
E-mail: mahwr@rc.unesp.br

---